

Brasileiros dividem as opiniões

REGIS NESTROVSKI
Especial para o Estado

NOVA YORK — Quando os banqueiros comentam informalmente os complicados lances de suas negociações da dívida, a comparação entre México e Brasil é inevitável. Os credores ressaltam o bom preparo dos negociadores mexicanos, a começar pelo presidente Carlos Salinas de Gortari, que estudou em Harvard. Alguns preferem ainda salientar simpatias pessoais — e curiosas — despertadas por José Angel Gurria: ele se veste bem, está sempre com bom hálito e tem todo tipo de máquinas de calcular: “Já vi brasileiros negociarem bilhões de dólares fazendo contas na ponta do lápis”, critica um banqueiro que pede para não ser identificado. “A verdade é que ele já nos conhece, pois estamos juntos desde o início da crise, em 1982. Ele sabe o que queremos ouvir”, comenta outro banqueiro.

Há banqueiros que preferem explicar suas preferências pelos negociadores mexicanos de forma mais política: “Eles têm a vantagem sobre o Brasil de serem nossos vizinhos. Conhecem os Estados Unidos. Não podemos ignorar o México, que está logo ali, abaixo do Rio Grande, depois do Texas. O Brasil, assim como os EUA, é um país grande e está interessado em seu merca-



André Douek/AE

Pastore: um dos preferidos

do interno. Além disso, os mexicanos sabem que não falamos outra língua e se expressam fluentemente em inglês”, analisa outro alto executivo de banco. Sempre em *off* (sem identificação da fonte), um grande credor do México e do Brasil tem uma queixa mais prática: “Os brasileiros que vêm negociar são sempre outros. Gente nova leva meses e até anos para aprender os *macetes*”.

PREFERIDOS

Apesar do astro do momento ser Gurria, os banqueiros lembram que nos últimos anos o

Brasil já teve bons negociadores. Há dois preferidos: Affonso Celso Pastore e Carlos Langoni, ambos ex-diretores do Banco Central no governo do general João Figueiredo. “Pastore foi o melhor. Pragmático, tinha bom humor e sabia das dificuldades do processo. Não perdia tempo com retórica de problemas sociais e políticos, que são horríveis mas nós já conhecemos. Além disso, ele trabalhava em equipe com o Galvêas (Ernane Galvêas, ministro da Fazenda da época), e formavam uma boa turma de especialistas”, diz um banqueiro. Outro discorda: “O melhor foi o Langoni. Seu inglês era muito bom, tinha conhecimento mais internacional”.

Os banqueiros não perdoam a moratória e alguns falam com raiva do falecido ministro Dilson Funaro: “A moratória foi horrível para nós e perdemos a confiança no Brasil”. Também não perdoam Fernão Bracher, ex-diretor do Banco Central durante a gestão de Funaro: “Bracher foi o pior. Era muito nacionalista, batia no peito e não queria esperar a decisão dos banqueiros”. Ou simplesmente disparam opiniões, como: “O Langoni também dizia que o Brasil é o primeiro país do mundo”. “O Gros foi ruim.” “Lemgruber não era mau, mas durou pouco.” “O Milliet não era excepcional e também durou pouco...”